mesmo nível de crescimento verificado na quantidade de matrizes para corte em 1998, embora teoricamente tenha havido um ligeiro recuo para 1999.

No cômputo geral de 1998 a produção de carne de frango se expandiu apenas 0,8%. Foi uma variação mínima, e se as exportações tivessem mantido o ritmo de 1997 a disponibilidade para o mercado interno seria bem estreita. A produção de pintos de um dia, após registrar ligeiro recuo em 1998, deve ter um aumento de quase 10% ao longo de 1999, o mesmo nível de crescimento verificado na quantidade de matrizes para corte em 1998.

Os levantamentos da Apinco mostram um crescimento contínuo do segmento das integrações na produção de frango. Ao longo desta década houve uma inversão do quadro verificado nos anos 80. A posição registrada em 1998 é praticamente inversa à registrada em 1981.

Na verdade, a cada dia aumenta o número de vozes que reforçam o argumento de que esse percurso não tem mais volta. A integração participa com 64% da produção nacional de carne de frango. Na região Sul a relação é maior, chegando a 80,08%. A menor se verifica na região Sudeste.

E-mail: pinazza@agroceres.com.br e regis@fgv.br

AVICULTURA DE CORTE

Mercado minguante

Embora competitiva, a carne de frango brasileira ainda esbarra nas práticas desleais do comércio internacional

CLÁUDIO MARTINS

Desde a década de 70 a avicultura brasileira vem se organizando para o mercado externo. Entre 1974 (ano do início das exportações) e 1998, sua produção de carne de frango se elevou em 840%.

O sistema caracteriza-se pela estrutura em granjas, com predominância de mão-de-obra familiar e forte integração com a agroindústria. A atividade emprega cerca de 1,8 milhão de pessoas e representa um movimento econômico anual da ordem de R$11,5 bilhões.

A balança comercial da avicultura é extremamente favorável, pois importa apenas 2,5% do total de divisas cambiais carreado com suas exportações.

No plano externo, a avicultura brasileira vem, nos últimos anos, ocupando lugar de destaque no comércio internacional de carne de frango, onde sobressaem os Estados Unidos, a França e a China.

Apesar das dificuldades, conseguimos exportar 612 mil toneladas de carne de frango em 1998, equivalentes a US$739 milhões em divisas geradas para o país.

Resultados menos promissores

Mas o que foi obtido com muita dificuldade está sendo gradualmente perdido, principalmente em decorrência dos seguintes aspectos:

- Falta de uma política estrutural consistente para o comércio exterior no ano passado, o governo lançou a Camex, Câmara de Comércio Exterior, que vem timidamente tentando suprir a lacuna.

- Programas de subsídios às exportações de aves patrocinados pelos EUA, através do Export Enhancement Program (EEP), pela União Européia, mediante as restituições igualitárias proporcionadas a seus empresários e políticas protecionistas adotadas pela China, força emergente no cenário internacional;

- Perda de competitividade dos preços de exportação brasileiros pela agregação de impostos elevados e concorrência desleal de subsídios.

Mesmo com a busca constante de maior eficiência pelo setor produtivo de carne de frango no Brasil, atendendo com presteza o mercado interno e transferindo para o consumidor nacional os ganhos de produtividade alcançados (em 1974, o preço de um quilo de frango custava R$4,20 e hoje custa R$1,00), e com a evidente presença no mercado internacional, uma análise do ocorrido nos últimos 14 anos entre os principais exportadores demonstra involução do produto brasileiro no comércio mundial a partir de 1984 (tabela 1).

Sobressai, na tabela, o expressivo crescimento da participação americana de 1.050%, em comparação com o mercado global, que cresceu 339%. O segundo maior crescimento pertence a Hong Kong, com 458%, seguido da China com 184%, Brasil com 113% e a França com 9% (lembrando-se que os números franceses não levam em consideração o grande comércio intracomunitário).

Os efeitos sobre o Brasil, das mutações ocorridas no mercado se fizeram sentir de duas formas. Uma foram os prejuízos em termos de divisas, geração de empregos e distribuição de renda. A outra foi a influência negativa sobre a balança comercial brasileira, já que deixamos de expor-



tar um volume médio no período de 456 mil toneladas/ano, o que equivaleria a uma receita cambial de aproximadamente US$0,55 bilhão por ano.

Essa performance contribuiu para que o setor deixasse de gerar cerca de 30 mil empregos diretos na atividade avícola.

Caso o Brasil tivesse mantido a participação de 26% sobre as exportações mundiais de carne de aves que detinha em 1984, em 1998 suas vendas teriam atingido 1.277 mil toneladas, o equivalente a uma receita cambial em torno de US$1,54 bilhão.

O futuro

O resultado final de nossas vendas em 1998, confirmado em embarques de 612.477 toneladas equivalentes a uma receita cambial de US$738,925 milhões, pode ser considerado bom, apesar das quedas de 6% no volume e 16% nos valores. As previsões iniciais apontavam para recuos de 15% no volume e 25% na receita cambial por conta da crise financeira da Ásia, moratória da Rússia e queda dos preços dos produtos da agricultura.

Foi possível minimizar as perdas estimadas no início do ano porque buscamos atingir novos mercados, principalmente consumidores de frangos inteiros.

Ao longo do ano, mercados alternativos como Irã, Cuba, Angola, Antilhas Holandesas, República Dominicana e Egito foram incorporados ao extenso rol de consumidores do frango brasileiro.

É imperioso que continuemos alargando o universo de compradores de nossos produtos e para tal contaremos, em 1999, com um forte estímulo às nossas vendas externas. Refiro-me ao projeto de promoção comercial que assinamos com a Apex – Agência de Promoção de Exportação, no final do ano passado.

O programa terá abrangência nacional e prevê ampliação das exportações de frangos até 2002, passando dos atuais US$739 milhões para US$1,2 bilhão, gerando, no período, 20 mil novos empregos, a grande maioria no meio rural.

Entre as ações a desenvolver estão a criação de evento internacional para discutir os grandes temas que afetam o mercado internacional; participação em feiras no exterior; controle da qualidade e desenvolvimento tecnológico; estudos de mercado-alvo; missões governamentais de países importadores; e promoção comercial intensa no exterior.

Esperamos, também, contar com a redução do custo Brasil, fator igualmente importante para aumentar a competitividade de nossos produtos no exterior.

A recente mudança na política cambial brasileira vai, sem sombra de dúvida, incentivar as exportações. Mas, para que o efeito de desenvolvimento seja o desejado, terá que ser acompanhada da reforma fiscal e da redução dos níveis internos de juros, maior inibidor do crescimento da produção.

Há razões de otimismo quanto ao futuro, já que a demanda de carne de aves continua crescendo no mundo. O Brasil, por suas vantagens comparativas importantes em termos de custos de produção, tem todas as condições de se manter como segundo maior exportador mundial desta proteína animal.

Cláudio Martins é diretor executivo da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frangos – Abef.

Aves: produção brasileira no comércio internacional

	Global		*Brasil*		*França(*)*		*EUA*		*China*		*Hong Kong*
Ano	Volume	%	Volume	%	Volume	%	Volume	%	Volume	%	Volume
1984	1.119	26	287	26	288	16	185	–	–	–	–
1992	2.058	18	372	13	269	33	675	6	132	5	104
1993	2.466	18	433	13	317	36	891	6	145	7	178
1994	3.086	16	481	10	315	42	1.304	6	177	9	285
1995	3.936	11	429	9	357	45	1.766	7	288	11	435
1996	4.455	13	569	8	344	44	2.005	7	312	12	544
1997	4.790	14	649	7	321	44	2.115	9	405	12	557
1998	4.706	13	612	7	315	45	2.124	8	375	12	580

* Não inclui o comércio intrapaíses da União Européia.

Projeções das exportações x perdas brasileiras

Ano	*Exp. projetada*	*Exp. efetivada*	*Perdas*
1984	287	287	–
1992	535	372	163
1993	641	433	208
1994	820	481	339
1995	1.040	429	611
1996	1.179	569	610
1997	1.248	649	599
1998	1.277	612	665

Foi possível minimizar as perdas estimadas no início do ano porque buscamos atingir novos mercados, principalmente consumidores de frangos inteiros.